

A CONSTRUÇÃO DE UM NOME DE AUTOR: ANDRÉ SANT'ANNA

*Débora Molina**

Resumo:

O presente texto consiste em um breve comentário sobre a recepção crítica à obra de André Sant'anna, autor da literatura brasileira contemporânea. No âmbito da pesquisa desenvolvida na iniciação científica, pretendemos avaliar se é possível mapear um projeto de carreira, considerando ao mesmo tempo a inserção mais ampla do autor no campo literário e a trajetória de formação de uma voz literária, de uma marca autoral, de um 'estilo' próprio a André Sant'Anna. Deste modo, considerando a recepção crítica à obra do autor como um importante espaço de legitimação, efetuaremos uma análise da polêmica em torno do lançamento do mais recente romance do autor, *O Paraíso é bem bacana*, considerando a repercussão da resenha ao livro escrita por Jerônimo Teixeira e publicada na Revista Veja, e a recepção crítica ao romance na esfera acadêmica mais formal, analisando o ensaio *O Paraíso é bem bacana: A última "Teogonia às avessas" de André Sant'anna* de Ângela Dias com o objetivo de mapear a formação de juízos de valor sobre a obra, que não alcança unanimidade crítica quando se trata de considerar o valor do romance como literatura.

Palavras-chave: André Sant'anna, campo literário, crítica literária.

Conhecido por escrever uma literatura hiperrealista, André Sant'Anna, autor da literatura brasileira contemporânea, tornou-se peça polêmica dentro do campo literário brasileiro. É sabido que o distanciamento do usual nos causa estranhamento. No campo literário não é diferente. A crítica cumpre seu papel e quando parece se render excessivamente aos valores estabelecidos, acaba por gerar grande polêmica em torno dos autores chamados “transgressores”, quando questiona a legitimidade da linguagem, às vezes, excessivamente coloquial e chula, como é o caso da literatura produzida pelo autor escolhido como objeto de comentário desse texto.

Ao optar por escrever conforme a música ideal para cada um, como o próprio autor costuma dizer, André Sant'anna se distancia da norma padrão, utilizando um estilo próprio, muito coloquialismo, palavrões e a freqüente estratégia da repetição de termos. Desde seu primeiro livro, *Amor (1998)*, o caminho escolhido pelo autor foi na contramão do esperado pela crítica. Tendo sido publicado por uma pequena editora e com recursos próprios do autor, *Amor* foi, ainda assim, capaz de alcançar alguma repercussão no campo literário, pois alguns críticos o apoiaram elogiando e indicando sua obra como inovadora para a literatura brasileira. É o caso do também autor de

* Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na área de concentração em Língua, Literatura e Cultura. É pesquisadora de Iniciação Científica com bolsa FAPESB (2012-2013). E-mail: debimol@hotmail.com.

literatura brasileira contemporânea, Bernardo Carvalho, ao resenhar o segundo livro do autor, *Sexo* (1999):

André Sant'Anna, 34, é de longe a melhor coisa que poderia ter acontecido à literatura brasileira nos últimos anos. Como costuma ocorrer nesses casos, seu primeiro livro, "Amor", lançado em 98 pelas Edições Dubolso, de Sabará, foi ignorado pela grande maioria, a começar pelos livreiros que se recusam a expor em suas pilhas o que é estranho aos olhos do mercado. (1999)

Em muitas entrevistas, o André Sant'Anna fala sobre o processo de criação de suas obras e de que maneira se tornou escritor. No encontro “Interrogações”, promovido pelo Banco Itaú no ano de 2004, Sant'Anna fala sobre a aversão que tem à ideia formada sobre o que significa “ser escritor”. Filho de Sérgio Sant’anna, André afirma lembrar-se muito bem do sofrimento e da angústia de seu pai quando estava escrevendo. *Amor* demorou cerca de 10 anos para virar livro. O próprio autor afirma que em 1988 escreveu algo que pretendia que fosse um romance, mas logo teria percebido que se tratava apenas de “*um diário de um corno*” (2003, p. 5). Após passar por uma revisão, e considerar que a narrativa ganhava um tom excessivamente autobiográfico, o autor retirou o “eu” da história, e ganhou a aprovação de seu pai que encaminhou o livro para a editora Relume Dumará. Apesar de receber um parecer positivo, o consultor não recomendou a publicação do livro, dizendo que “não era um livro o qual via nas prateleiras de livrarias, a não ser que se tratasse de alguma coleção de obras diferenciadas” (2003, p. 5). Mesmo sem conseguir publicação, André envia seu livro *Amor* para uma pequena editora, a *Dubolso*, mas acaba por pagar pela sua editoração, lançando 500 exemplares do pequeno romance no mercado literário.

Desde sua primeira obra, a repetição de termos e frases é uma constante, reproduzindo um efeito realista do cotidiano das grandes cidades, a rotina freqüente, o estereótipo de cidadãos urbanos.

O Jovem Executivo De Gravata Vinho Com Listras Diagonais Alaranjadas, depois de tomar banho, vestiu uma roupa jovem comprada na boutique de roupas jovens onde a Vendedora De Roupas Da Boutique De Roupas Jovens trabalhava, passou pela sala do apartamento onde morava com seus pais e se despediu de seu pai e de sua mãe. O Jovem Executivo De Gravata Vinho Com Listras Diagonais Alaranjadas, vestindo uma roupa jovem comprada na boutique de roupas jovens onde a Vendedora De Roupas Da Boutique De Roupas Jovens trabalhava, falou para o seu pai e para sua mãe:
- Estou saindo. Vou jantar com minha Noiva Loura Bronzeada Pelo Sol, e não tenho hora para chegar. (SANT’ANNA, 1999, p. 35).

Essas características conceituaram o autor como inventor de um estilo próprio, marcado pela escrita mecânica, que imita uma linguagem débil que ataca a “imbecilidade” da realidade, conforme comentou Bernardo Carvalho (1999). No entanto, essa mesma “estilística própria” capaz de arrancar elogios de críticos conceituados, como Bernardo Carvalho, Flora Sussekind, Luís Costa Lima, foi apontada como negativa por parte de uma outra parcela de críticos.

A partir de agora então, gostaria de me deter especificamente no comentário sobre a recepção crítica à obra de André Sant'anna, considerando-a um importante espaço de legitimação de sua carreira como autor.

O modo de escrever de André Sant'Anna, que tinha sido muito elogiado quando publicou *Amor e Sexo*, foi encarado de maneira mais polêmica pela recepção crítica quando *O Paraíso é bem bacana* foi lançado. Muitas resenhas negativas foram publicadas, além de alguns ataques à certa postura considerada superficialmente “transgressora”. Jerônimo Teixeira, conhecido jornalista da Revista Veja, resenhou o livro optando também pela polêmica. Teixeira emite sua opinião acerca da nova geração de escritores, utilizando a obra de André Sant'anna como exemplo de uma literatura baixa e sem valor:

No melhor gênero Forrest Gump, O Paraíso É Bem Bacana celebra a idiotia, ao sugerir que Mané, com sua incompetência cognitiva e lingüística (ele usa palavras como "poblema"), **tem uma sabedoria pura e primitiva, inacessível aos cerebrados** [...] Suas obsessões escatológicas contaminam todo o romance, que é repleto de cenas envolvendo ranho, fezes, vômito. A intenção seria escandalizar? Não funciona. (TEIXEIRA, 2006) .

O paraíso é bem Bacana (2006) tornou-se o livro de melhor recepção crítica do autor até o momento e conferiu maior visibilidade a seu nome, rendendo-lhe também o adjetivo de transgressor. Além disso, parece representar a maturidade e certa profissionalização se consideramos o depoimento do próprio Sant'Anna, que afirmou que ao receber a encomenda de uma das maiores editoras do Brasil para a elaboração desta obra, sentiu-se na obrigação de escrever um bom livro, pois tinha uma reputação a zelar.

[...] a maior responsabilidade foi a de escrever um livro já sendo oficialmente um escritor. Amor e Sexo foram escritos quase que sem nenhuma pretensão. Na verdade, eu nem imaginava que eles seriam publicados. Então, foi tudo bem relaxado. Demorei alguns anos em cada um,

sem me preocupar com nada. O Paraíso... foi encomendado pela Companhia das Letras. Então, primeiro fiquei com medo da opinião dos editores, principalmente após quase três anos trabalhando no livro. Depois, eu ficava pensando nas pessoas, na crítica que recebeu *Amor e Sexo* com tanto entusiasmo. Senti e ainda sinto muito medo de decepcionar pessoas (...). E também já sei que teria gente pronta para me esculhambar. Gente que não falaria mal de um autor estreado, mas que adoraria detonar alguém como eu – “transgressor” (sic).

O personagem principal de *O Paraíso é bem bacana* é Mané, um garoto que vive com sua mãe alcoólatra na cidade de Ubatuba, passa toda a infância sonhando com pornografias e sofrendo bullying e é humilhado constantemente por seus colegas. Mas a sorte de Mané parece mudar a certa altura de sua vida: mostrando talento como jogador de futebol, é contratado para atuar no time de juniores do Santos e, logo em seguida, é vendido para a Alemanha. Lá, em contato com jogadores que professam a religião muçulmana, converte-se ao Islamismo e acaba em uma cama de hospital por cometer um atentado suicida em um estádio de futebol, cuja única vítima é ele mesmo. A motivação de Mané é, no mínimo, caricata: o principal objetivo do ato terrorista é alcançar o paraíso das virgens prometidas por Alá.

Mané é um personagem desprovido de consciência, incapaz de entender seus pensamentos, e expressá-los, tornando-se um dos personagens mais derrotados da Literatura Brasileira, conforme enunciado por Ângela Maria Dias em seu ensaio “O paraíso é bem bacana: A última Teogonia às Avestas de André Sat’anna”. O ponto de vista assumido pelo narrador nesse romance também foi motivo de investigação pela crítica. Segundo Dias, a crueldade do tratamento narrativo dado a Mané no romance garante a grande ambiguidade do livro: mais do que um mero besteirol capaz de ridicularizar a pobreza e provar a inabilidade do autor com a escrita, o realismo da narrativa é um ato crítico.

Como crítica que vem se dedicando à análise da obra do autor, Dias recupera o valor da literatura de Sant’Anna. Em *O Paraíso é Bem Bacana* a ironia que marca o destino de Mané, já que todos os acontecimentos que parecem apontar para alguma boa resolução na trajetória do personagem, alcançam uma reviravolta e terminam de forma desastrosa para Mané. Essa é a função da expressão “Mas não” repetida à exaustão na narrativa e valorizada por Dias, que afirma que a repetição e as expressões chulas provocam a ambiguidade.

Tinha uma coisa no Mané que não deixava ele, o Mané, raciocinar direito, a ponto de entender o que estava acontecendo. O Mané ainda olhava para todo mundo como se, a qualquer momento, um filho-da-puta daqueles fosse dar uma porrada bem no meio da cara dele, do Mané . Ou como se, a qualquer momento, todos os filhos-da-puta junto fossem estuprar ele, o Mané, aquele viadinho filho-da-puta.

Mas não.

O time sub-17 do Santos estava feliz com o ótimo treino realizado pelo Mané naquela manhã.

Mas o Mané não.

O Mané não estava entendendo nada.

O Mané nunca vai entender nada (SANT'ANNA, 2006, p. 216)

Em entrevista para a revista *Fronteiras*, Sant'Anna conta que ao levar o livro para a editora, já pronto, Luiz Schwarz pediu a ele que reduzisse certas passagens do livro, principalmente aquelas relacionadas aos delírios do personagem principal, *Mané*, que, na opinião do editor, tornavam sua leitura cansativa. André Sant'Anna preferiu cortar somente o que definiu como ruim desconsiderando a opinião do editor, pois, para o autor, o cansaço da repetição é justamente o sentido que a obra encontra através de uma linguagem que também está justificada pelo nível intelectual de seus personagens como diz André Sant'anna: “ [...] Eu não estou ali para as pessoas ficarem com tesão lendo as cenas de sexo, pelo contrário, acabo causando um cansaço[...] Eu poderia ter feito isso com mais pressa, mas achei que tinha que passar por esse cansaço, essa ojeriza.” (2007, p. 7).

E o autor interfere na recepção crítica à sua própria obra? Em muitas entrevistas, Sant'Anna deixa transparecer sua indignação pela resenha publicada por Jerônimo Teixeira, afirmando que o jornalista não havia lido seu livro e tinha como objetivo apenas ofendê-lo, já que identifica má-fé nos argumentos utilizados. Após um ano aproximadamente, o autor é convidado pelo jornal *Rascunho* a escrever sobre a crítica literária brasileira. Sant'anna aproveita a oportunidade para escrever uma espécie de réplica ao crítico através de uma crônica intitulada “*Penetrações*”. De maneira irônica, o autor escolhe escrever com a mesma linguagem empregada em seus romances, direcionando algumas críticas à revista *Veja* e a seu público, (que, segundo o autor, é mediano e “burro”), ao próprio Jerônimo Teixeira e a seu redator-chefe, Mario Sabino, chamando-os de meros deleitantes que escreverem sobre Literatura para ganhar uma “graninha estável”. Em tom sarcástico, Sant'anna classifica estes críticos de corajosos.

Fazendo em sua crônica um jogo de palavras, dá ao termo corajoso um sentido dúbio, apostando no deboche.

É possível, portanto, considerarmos a linguagem empregada nos romances de André Sant'Anna e sua ambiguidade narrativa tão performática quanto à atuação pública do autor.

Podemos entender ainda que a postura de enfrentamento assumida em relação à crítica, à própria forma de escrita e ao entendimento do que é concebido como literário, transforma André Sant'anna em um personagem agressivo. A escolha da linguagem de seus romances assim como o caráter irônico perante aos parâmetros estabelecidos, seja nas artes ou na sociedade, é a mesma escolha do narrador do *Paraíso é bem bacana* ao denunciar a “imbecilidade” de Mané, personagem principal do romance.

No breve passeio por duas vertentes da recepção crítica da obra de André Sant'Anna foi possível acompanhar a formação de juízos de valor sobre sua obra e perceber que o autor não alcança unanimidade crítica quando se trata da avaliação de sua ficção como literatura, já que sua produção é apontada por alguns como uma das melhores publicações literárias dos últimos anos, enquanto outras críticas afirmam que o que parece ser uma marca de escrita da ficção de Sant'Anna (o uso de palavrões e a repetição exaustiva) é considerado apenas mal escrito e sem valor.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre (1996). *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras.
- CARVALHO, Bernardo. Nem o sexo Salva. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 11 dez.1999. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1112199916.htm>> Acesso em 13 ago. 2012
- GARSCHAGEN, Bruno (2007). André Sant'Anna é o Paulo César Peréio da literatura recente. In: *Sopa de Tamanco*. 28 jul. Disponível em:<<http://sopadetamanco.blogspot.com/2007/07/andr-santanna-o-paulo-csar-pereioda.html>> Acesso em: 03 fev. 2013.
- MAIO, Sandro Roberto (2007). Entre-Vista: André Sant'Anna. *Fronteiraz*. Rio de janeiro. ago. Disponível em:<http://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n1/download/Texto_entevista2.pdf> Acesso em: 12 ago. 2012.
- SANT'ANNA (1999). André. *Sexo*. Sette letras. Rio de Janeiro.
- _____. (2006). *O Paraíso é Bem Bacana*. Cia da Letras. São Paulo.
- _____. (1998). *Amor*. Dubolso. Minas Gerais.

TEIXEIRA, Jerônimo (2006). A horda dos transgressores. *Veja*. São Paulo, n.1945, 01 mar. Disponível em: < http://veja.abril.com.br/010306/p_094.html> Acesso em: 10 fev. 2013.